

 Movimento dos Catadores de Belém

# Nova Cartografia Social da Amazônia

## Catadores na Cidade de Belém 5



# Movimento dos Catadores de Belém

**Coordenadora**  
Maria Trindade

## Foto ao lado: Oficina de Catadores de Belém

1. Evanildo Lopes; 2. Denira Galvão; 3. Luis Carlos Farias; 4. Maria Socorro Nogueira da Cruz; 5. Luis Otávio Soares; 6. Joselita Trindade; 7. Lucirene Soares; 8. Maria das Graças Pereira; 9. Irene Soares da Luz; 10. Alessandro Souza; 11. Sílvio Soares; 12. Adriane Galvão; 13. Bruno Paixão; 14. Waldir Paixão; 15. Clariana Paixão; 16. Andreza Paixão; 17. Kátia Paixão; 18. Vanesa Galvão; 19. Fábio Paixão; 20. Aldinéia Nogueira; 21. Adriana Nogueira.



Foto: Diana Antonaz, 2006

## Construíram este fascículo os catadores:

Adriana Nogueira, (artesã) 28 anos; Aldiléia Cristina Nogueira da Silva (já foi catadora, agora só o marido trabalha no aterro), 22; Aldinéia Nogueira (Aldinéia), 26; Alessandro Cruz Souza (estudante, trabalha de vez em quando), 17; Andreza Paixão Lisboa, 56; Elza Maria Pinheiro Barbosa, 37; Evanildo Lopes (Ivan), 22; Irene Soares da Luz (Dona Irene), 44; Jhonny Matheus Silva Pinheiro, Joselita Santos Araújo, 47; Joselma Ramos da Silva (Dona Lora), 56; Kátia Paixão Lisboa (Paula), 28; Lucian Moreira da Silva, 16; Luiz Carlos Farias (Carlos), 31; Luiz Otávio Souza Soares (Pica-Pau), 29; Maria Cenira dos Reis Neves (Cenira), 31; Maria das Graças Pereira Pinheiro (Dona Graça), 59; Maria do Socorro Nogueira (Socorro), 42; Maria Iracilda Macedo Galvão, 53; Maria Trindade Santana Araújo, 29; Ronaldo\*; Sabrina Nogueira da Silva, (esposa de catador), 17; Teresa Paixão Lisboa; Waldeni de Almeida Câmara, 48.

## e as crianças:

Bruno Leonardo Paixão Câmara, 8 anos; Clariana Paixão Câmara, 7; Cleberson Reis da Silva, 6; Cleberson Thiago da Silva, 5; Leandro Valdir Paixão Câmara, 10; Lucirene Soares Santos, 11 anos; Luiz Fábio Paixão Câmara, 2; Sílvio da Luz da Silva, 6.

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia  
Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia  
Fascículo 5  
"Catadores na Cidade de Belém"

ISBN: 85-86037-26-6

## Coordenação do Projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia"

Alfredo Wagner Berno de Almeida  
(PPGCSA/UFAM, FAPEAM/CNPq)

## Equipe de Pesquisa

Diana Antonaz - PPGCS/UFPA  
Jurandir Santos de Novaes  
Vanderlúcia da Silva Ponte

## Edição

Diana Antonaz  
Vanderlúcia da Silva Ponte

## Elaboração do Mapa

Rodrigo Macedo Lopes

## Fotografias

Diana Antonaz  
Vanderlúcia da Silva Ponte  
Mila Petrilla (UNICEF)

## Projeto Gráfico

José Fernandes F. Neto

## Equipe de Apoio

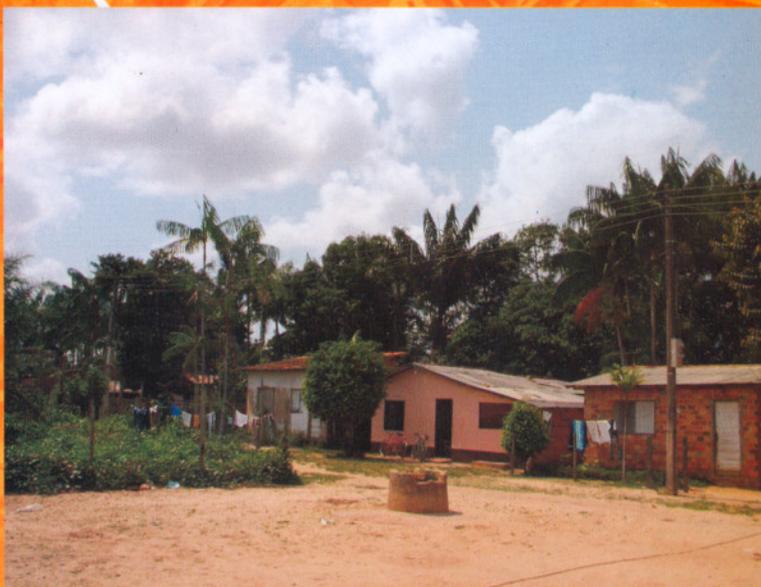
Danielle Monteiro

## Equipe de Mobilização

Elza Maria Pinheiro Barbosa  
Luiz Carlos Farias

Em dezembro de 2005, em reunião do Conselho da Cidade e lideranças do movimento social em Belém, foi apresentado o projeto "Nova Cartografia Social da Amazônia" e o resultado dos trabalhos de pesquisa com quebradeiras de côco babaçu e quilombolas. Das situações sociais identificadas gerou a mobilização dos presentes na reunião para o desenvolvimento do Projeto com grupos que vivem nas cidades. A partir desta reunião teve origem a Série "Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia". Esta série inicia com os indígenas, homossexuais, afro-religiosos e negros e negras de Belém e tem continuidade com outros grupos em Belém e outras cidades da Amazônia, como Manaus.

Foto: Dilana Antoniaz, 2006



Santana do Aurá

Ser catador é uma profissão, é um meio de sobrevivência né. O índice de emprego está tão difícil para quem já tem os seus estudos... Para quem não tem então é um meio de sobrevivência. É ali que eles tiram o sustento da família, para educação dos filhos, para ganhar honestamente o dinheiro deles, né. É um trabalho em que não tem patrão. O patrão são eles mesmos. Que Deus dê muita saúde pra eles. Dependem disso né, porque eles enfrentam sol, enfrentam chuva para ganhar um dinheiro honestamente e ter a sua rendinha digna. Essa que é uma profissão que eu acho, né, a de catador. **Dona Lora, 59 anos, catadora em Santana do Aurá.**

## O Movimento dos catadores de Belém

É uma forma de organização incipiente dos catadores de Belém que moram em Santana do Aurá e trabalham no aterro sanitário (lixão) lá localizado, assim como em outros pontos da cidade. Visa principalmente a levar as reivindicações de forma organizada junto à administração de Belém com o objetivo de garantir a sobrevivência de milhares de pessoas em atividades de seleção e reciclagem do lixo. Articula-se com o Movimento Nacional dos Catadores a fim de unificar a luta em nível nacional. O movimento apoiou a criação da Associação "Cidadania para todos", localizada em Santana do Aurá, junto ao aterro sanitário.

## Porque o fascículo

A catação e reciclagem do lixo estão atualmente dentre as atividades que mais produzem riquezas no mundo. Com o reaproveitamento de materiais usados, os custos de produção das grandes indústrias são reduzidos. Também a conseqüente redução da quantidade de lixo contribui para a proteção do meio ambiente. O lixo reciclado é importante fator de reduções das despesas e aumento do lucro das grandes empresas, no entanto, os trabalhadores do lixo trabalham em condições penosas e insalubres pouco participando dos resultados financeiros de sua atividade. Atualmente milhares de brasileiros - de quatro a seis mil em Santana do Aurá - sobrevivem do lixo. Esta atividade tornou-se uma opção relevante para aqueles que foram expulsos do mercado de trabalho ou para aqueles que nele não conseguem ingressar.

O fascículo poderá ser utilizado como instrumento para a organização e o fortalecimento dos catadores de Belém visando a manutenção de seu trabalho e a conquista de uma vida digna para estes profissionais e suas famílias.



Fotos: Diana Antonaz, 2006

## Tornar-se catador

Aí, como sabia do Santana? Morava um senhor que comprava garrafa. Ele falou que pra cá pro Santana era bacana. Aí, o meu marido veio fazer visita. Aí, o homem tinha um terreno para vender. Nós compramos o terreno. Aí, depois perto do terreno tinha uma casa pra vender. Nós compramos por 300. Aí, nós já ficamos morando. Eu fiquei desempregada e ele saiu também do emprego. Aí, nós começamos a trabalhar no lixão. Tinha uma menina que mora logo aí. -Vamos embora lá pro lixão trabalhar.- Mas eu não me acostumo. Aí, fui para lá. Eu comecei a trabalhar, nos demos bem. Aí, pronto. No começo eu estranhei. Ficava com vergonha ali no meio dos outros porque eu não tinha o costume assim. Depois que nós começamos, pronto. Começamos a trabalhar, desde que viemos pra cá, já temos sete anos trabalhando aí. Vou eu, meu marido, minha cunhada e meu irmão. **Maria Iracilda, 53 catadora em Santana do Aura.**

Catadores chegam em Santana do Aurá, com suas famílias, fugindo do aluguel e em busca de um teto para morar, - geralmente por indicação de parente ou conhecido, de onde esperam que ninguém os tire. Há também deslocamentos coletivos, como no caso das famílias retiradas do terreno da CELPA, que acabaram se instalando em Santana do Aurá. A falta de empregos para pessoas cujas habilidades não são reconhecidas no mercado de trabalho empurra homens e mulheres para o lixo, muitas vezes como única opção. Alguns deles já são catadores quando chegam ao Aurá. Vêm de outros estados e acompanham o trajeto do lixo.



# Mapeamento do universo social dos catadores

## Trabalhando com o lixo

*Quem não tem emprego, segue o lixo.*  
(Andreza, 56 anos, catadora em Santana do Aurá)

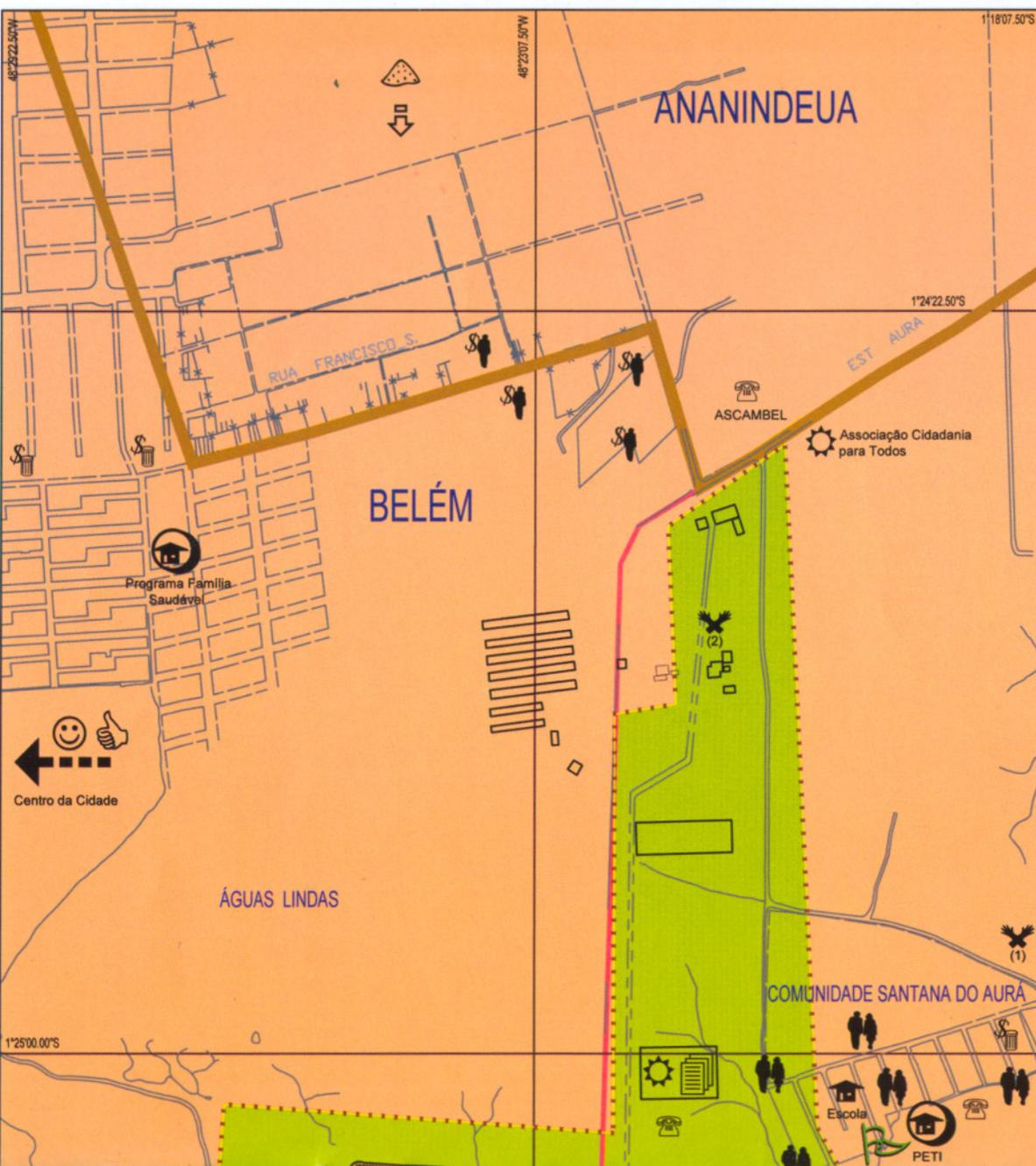
O primeiro lixão, a que as catadoras mais antigas fazem referência, se localizava próximo à granja onde funcionou o Projeto Sementes do Amanhã e ao cemitério. A vila que lá se desenvolveu chamava-se Santana do Aurá. Há cerca de 16 anos foi transferido para o lugar atual. Os catadores mais antigos, como Andreza, se lembram da "comunidade" que existia onde hoje está o lixão e foi obrigada a sair. Os catadores acompanharam a trajetória do lixo. Mudaram-se para as proximidades do lixão atual e rebatizaram o novo local com o nome do antigo: Santana do Aurá. Os trabalhadores do lixo guardam como patrimônio uma memória particular da cidade.

No aterro, onde trabalham atualmente, o lixo é despejado no aterro por caminhões e revirado com o auxílio de um trator. Os catadores saem atrás do trator, cavando com um gadame (ancinho com cabo de borracha fabricado pelos próprios catadores). Andam quilômetros todos os dias no rastro do trator, remexendo o lixo em busca de recicláveis. Para a venda, os materiais mais procurados são raider (sandália de dedo de borracha), sacas de sarrapilheira, papel e papelão, alumínio, cobre e plástico, que também é separado de acordo com a sua natureza. Os catadores tendem a se especializar na catação e processamento de um ou mais materiais. Alguns compradores negociam roupas, relógios e outros objetos de uso. O trabalho é arriscado; por vezes os catadores são enterrados no lixo ou atingidos pelo trator. A agilidade é, portanto, uma habilidade fundamental. A catação de lixo se dá em todos os horários durante todos os dias da semana, ficando os catadores expostos a sol e chuva. Catadores que vem de outros bairros (Una, Bengui e Guamá) ou cidades (Castanhal e Santa Isabel) armam barracas e passam dias seguidos dentro do lixão.

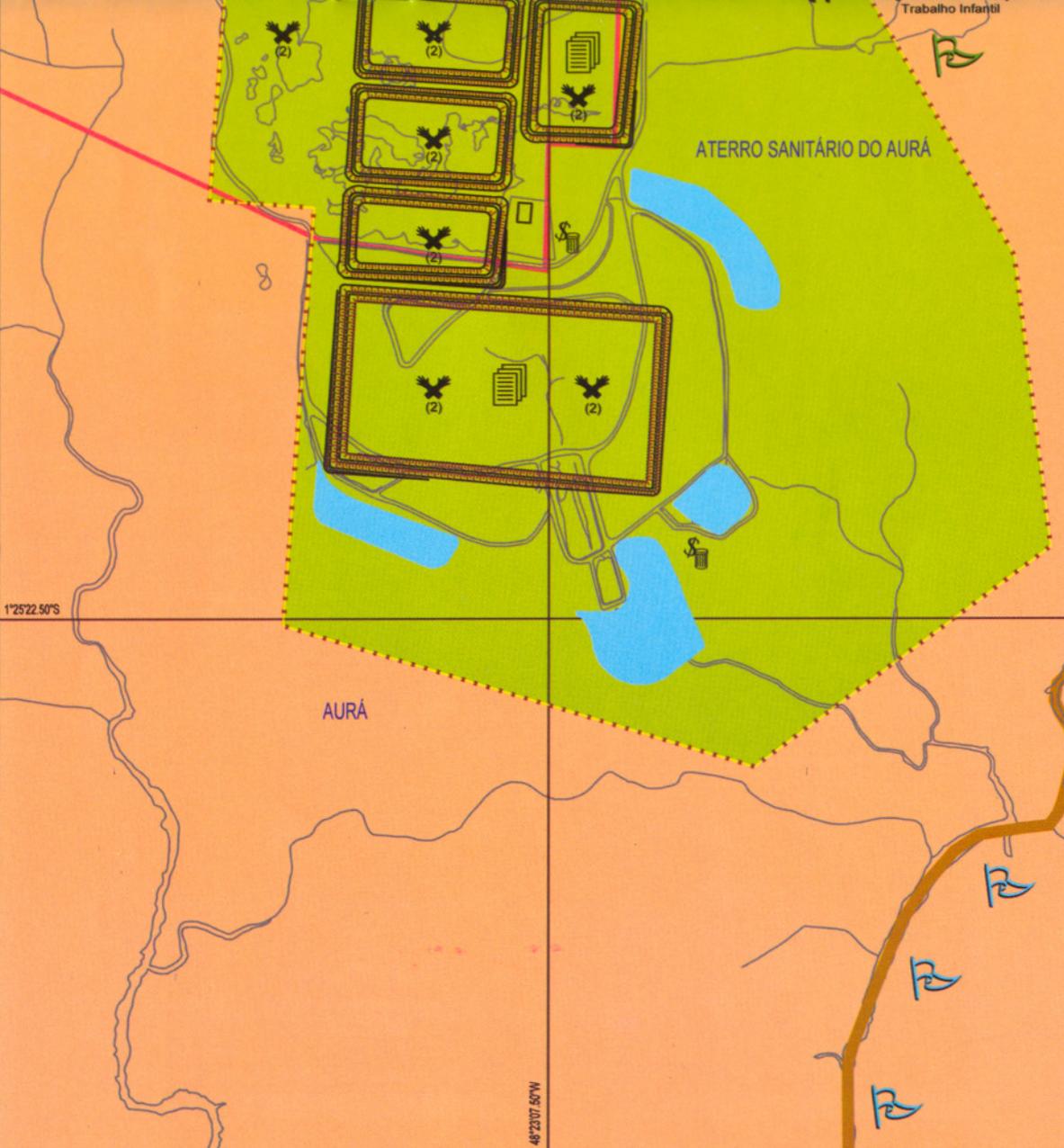
A rede de circulação do lixo processado é extensa. Só no aterro trabalham diferentes profissionais: o catador (também denominado reciclador ou bagulheiro), que seleciona o lixo reciclável no aterro e trata-o para a venda; o merendeiro que comercializa pequenos lanches, muitas vezes confeccionados com alimentos encontrados no lixo e processados para o consumo; o saqueiro que compra saca de sarrapilheira do catador, vendendo-a para os proprietários de granjas; e o atravessador que compra o material reciclado do catador.

Além da venda direta no lixão, os catadores se valem de outros meios de comercializar o lixo reciclado. Guardam-no em suas casas e vendem-no nos finais de semanas a compradores que o revende para fábricas ou a atravessadores que o revende para comerciantes, sendo então os materiais reciclados distribuídos para vários pontos do país e do mundo. Algumas catadoras também trabalham para uma cooperativa de Belém que organiza a coleta em pontos de concentração de lixo como shopping centers, hotéis e outros pontos comerciais. Também coletam recicláveis por ocasião de grandes eventos, como o Pará Folia, o Círio de Nazaré e o Carnindeua (em Ananindeua). Recolhem alumínio e PET, levando-os para pontos de venda organizados por atravessadores ou pela SESAN (Secretaria de Saneamento).

## CATADORES NA CIDADE DE BELÉM:

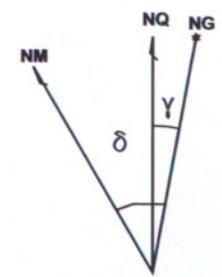


-  Local de Moradia dos Catadores de Santana do Aura - Comunidade Santana do Aurá
-  Referência de Localização: Igarapé Julião, Lava Roupa e Banho
-  Fazenda dos Begot, Lazer: pesca, tomar banho e passeio de barco
-  Antigo Lixão
-  Deslocamento do Lixão rumo ao Aterro
-  Localização atual do Aterro
-  Pontos de Venda dos Catadores
-  Ponto de Venda dos Atravessadores
-  Categorias de organização do Trabalho dentro do Aterro: merendeiras, catadores, atravessadores, catadores de outros bairros
-  Pontos de coleta dos Cooperados durante festas na cidade:



-  Cinto, Camavãr, micaretas
-  Pontos de Coleta Seletiva
-  Apoios Institucionais e de Pessoas
-  Entidade de organização dos Catadores do Aurá: Associação Cidadania para Todos
-  Entidades de Apoio
-  Entidades de Referência
-  Conflitos:  
 (1) Empresa de Transporte (ônibus) X Catadores  
 (2) Prefeitura de Belém e Tratores X Catadores

-  Cerca delimitando o aterro sanitário
-  Lagoas de estabilização do chorume
-  Talude das células de destino final do Lixo
-  Limites de Bairros
-  Limite entre Belém e Ananindeua



Varição anual da declinação magnética  
 00°03'36"W

**Escala 1:10.000**



**Levantamento Aerofotogramétrico de Belém**  
 Edição: Rodrigo Macedo Lopes / 2007  
 Fonte: CODEM / 2002



Foto: Milla Petrilla (UNICEF, 2000)

A organização e disposição dos agentes ao redor do "lixão"

Objetos recolhidos no lixo, - móveis, utensílios, eletrodomésticos, roupas, sobras de material de construção, - são processados, higienizados, por vezes, pacientemente reconstituídos, juntando peça após peça e utilizados pelos catadores em suas casas.

Entre os catadores, há preferências seja pelo trabalho diurno, seja pelo noturno. Eles se dirigem para o lixão quase sempre nos mesmos horários, cumprindo longas jornadas de trabalho. Os que *bagulham* durante o dia, expõem-se a sol e a calor, sendo, além disso, obrigados a lutar por espaço entre colegas que trabalham no mesmo horário. Em contrapartida o trabalho à luz do dia é mais fácil e rápido por causa da visibilidade. A noite é mais fresca e há menos concorrência, no entanto os catadores são obrigados a trabalhar à débil luz das porangas (lanternas artesanais). Assim o trabalho fica mais difícil por causa da escuridão e, além disso, o lixo é mais escasso e pobre em recicláveis.

O lixão é uma indústria, sem chefes ou gerentes, onde a organização do trabalho é complexa e muito eficaz. Os trabalhadores cumprem horários fixos, de forma disciplinada, como se estivessem empregados. Vão para o lixão todos os dias da semana, folgando aos domingos e às vezes aos sábados. Carlos só trabalha um domingo por mês; Aldinéia e Irene todos os domingos. Andreza só alguns domingos. Os horários mais recorrentes durante o dia são os de seis às dezoito (em alguns dias até às vinte horas). Algumas catadoras, em particular aquelas com filhos pequenos, trabalham em horário reduzido: ou pela manhã de seis às catorze ou à tarde de quinze às dezoito. Os que trabalham à noite, chegam às quatro da tarde e só encerram seu turno às oito da manhã.

As atividades de catador sofrem variações ao longo do ano em decorrência do mau tempo ou da quantidade de lixo produzida pela cidade. O trabalho na chuva torna-se muito penoso, tanto porque os catadores se molham e ficam sujeitos a doenças, quanto por causa da lama que se forma e se mistura ao lixo. Em janeiro e fevereiro, a quantidade de lixo é reduzida porque muitos belenenses em férias deixam a cidade. A temporada mais rentável começa em março, tem seu ápice no verão, estendendo-se até final de novembro. Durante festas, como o Círio de Nazaré, o consumo de bebidas aumenta. Neste período, os catadores coletam grande quantidade de alumínio e PET.

## A cooperação familiar

Quase sempre o trabalho no aterro envolve todo o grupo doméstico, havendo divisão de tarefas e distribuição de horários. As mulheres estabelecem seu horário no lixão de acordo com a organização da casa, trabalhando em horário reduzido pela manhã ou à tarde, quando os filhos estão na escola, ou então à noite. Os maridos, ora ficam com as crianças em casa, principalmente à noite, ora consertam os materiais coletados no aterro para uso doméstico, ou fazem ainda contato com o atravessador para vender metais acumulados em casa ou reservados nas barracas no "lixão", e também catam, por vezes, junto com os homens solteiros. Há casos, em particular quando os filhos são pequenos, em que as mulheres ficam em casa e os homens vão para o aterro. Em outros, apenas a mulher trabalha no lixão, enquanto o marido exerce outra atividade, geralmente no interior, como pesca, coleta de caranguejos e agricultura.

Quando não estão na escola, as crianças também acompanham seus pais no lixão, especialmente quando os programas de governo voltados para a infância são interrompidos. Algumas crianças procuram apenas brinquedos, outras trabalham efetivamente no lixão. Esse fato constitui grande preocupação dos catadores, em virtude dos riscos do ambiente de trabalho. Alguns adolescentes dedicam-se inteiramente aos estudos, a maioria, no entanto, divide seu tempo entre a escola e o lixão, sendo que parte destes acaba abandonando os estudos.

Algumas vezes catadores conseguem acumular pequenas economias e mudam de vida. Compram uma casa no interior e montam pequenos comércios.

Acima. Lixo acondicionado para exportação, Brincadeira com "bonecas recicladas", Brinquedos e brincadeiras criadas pelas crianças.

Abaixo. Barraca das famílias do lixão que serve para abrigo e armazenamento do lixo coletado

Fotos: Vanderlúcia da Silva Ponte, 2005



## Situações de conflito

Eu não sei o que é que vai acontecer quando esse lixão fechar, porque eu acho que a pessoa que está lá dentro trabalhando, né, ele trabalhando não está se envolvendo, mas se fechar, ele vai procurar fazer outra coisa que não preste. Aí, vai ficar pior a nossa situação. Deus nos livre. **Dona Irene, 42 anos, catadora de Santana do Aurá.**

E todo mundo fica: quando fechar o lixão, para onde eu vou? Mas se agente não se organizar, vai acontecer isso. Vai fechar. Vem não sei quantos guardas expulsar o catador. Mas, se agente se unir, e disser: não, a gente vai lutar. A gente vai fazer isso aqui. Vamos mobilizar. (Maria Trindade, 29 anos, catadora de Santana do Aurá, coordenadora do movimento dos catadores de Belém). A partir do início dos anos 90, os catadores que procuravam trabalhar no aterro sanitário eram perseguidos e ameaçados por guardas armados. Entre 93 e 95 quase não puderam trabalhar. Em 1997, durante a gestão Edimilson Rodrigues, o acesso ao lixão foi liberado para catadores previamente cadastrados, e proibida a permanência no lixão de crianças. Para estas foram implementados programas educativos e bolsas. A liberação da área significou uma conquista de grande relevância para os catadores, que passaram a controlar os seus meios de trabalho e a organização de suas atividades. No entanto, a tentativa da prefeitura da época de organizar a cooperativa acabou de certa forma frustrada, em virtude de conflitos com técnicos que desconsideravam em suas decisões a vivência dos trabalhadores do lixo.

Acontecem algumas brigas, principalmente com catadores que vêm de outros bairros, possivelmente em virtude da competição pelos recicláveis em espaço onde o trabalho é extremamente penoso e insalubre. Os principais conflitos ocorrem com os motoristas de caminhões e tratoristas, que executam suas atribuições pondo algumas vezes em risco a vida dos trabalhadores do lixo.

Altercações ocorrem também entre os catadores e o dono da empresa de ônibus que tem a concessão de transportes de Santana até a BR, e que oferece veículos precários em horários irregulares, impedindo que os trabalhadores se desloquem quando necessitam, obrigando, ainda, as crianças a caminhar quilômetros até a escola.

## O universo social dos catadores

O tempo para o lazer e o descanso é reduzido. Limita-se a parte do domingo, manhã ou tarde, horário em que algumas famílias vão à igreja católica ou evangélica (Quadrangular, Assembléia de Deus ou Deus é Amor), visitam algum parente em Belém, ou freqüentam o bar do Mário, que tem uma pequena piscina improvisada. Jogam bilhar, bebem cachaça e os que não trabalham à noite, ficam para a festa que entra pela madrugada.

Santana do Aurá é desprovida de equipamentos urbanos. Nas palavras de Elza (catadora grávida) *Sem Deus, mana, ninguém sobrevive*. Conta apenas com uma pequena escola, destinada à educação infantil, com o programa "saúde da família", onde prestam serviço dois agentes comunitários e o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). A escola do ensino fundamental fica fora de Santana do Aurá. Um voluntário Célio, como é conhecido pelos catadores, oferece um sopão, algumas cestas básicas e roupa. Os catadores estão se empenhando para fortalecer seu nível de organização. São representados por Maria Trindade no Movimento Nacional dos Catadores. Maria e Joselita estão à frente do Movimento dos Catadores de Belém e da Associação Cidadania para Todos. Esta associação foi criada com o intuito de organizar espaços para o trabalho de reciclagem, no entanto, até o momento, os associados só conseguiram um galpão precário de um atravessador a quem, em troca, vendem todo o material. Durante a gestão municipal passada (1996 - 2004) foi formada uma cooperativa e planejado um centro de triagem e reciclagem que nunca foi concretizado. A cooperativa encontra-se atualmente praticamente desativada. Os catadores nunca sentiram a cooperativa efetivamente como sua. Algumas organizações oferecem apoio aos catadores, entre estas: A Cáritas Diocesana, a Unisol Brasil (organização que apóia as cooperativas) e a SECTAM (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente). O Inkra apóia o Fórum estadual dos catadores, do qual também participam representantes do Aurá.

Os catadores tinham a expectativa de que o governo Edmilson Rodrigues lhes entregasse o centro de compostagem e o centro de triagem e implementasse a coleta seletiva na cidade, antes do final do governo, no entanto isso não ocorreu. A inauguração dessas instalações permitiria que trabalhassem com segurança, ao abrigo das intempéries e sem contato direto com o lixo.

O atual prefeito, Duciomar Costa, interrompeu os projetos destinados aos trabalhadores e aqueles voltados para as crianças. Prometeu repassar parte dos recursos obtidos com a venda do gás carbônico produzido no processo de biorremediação, mas até agora nada fez. Ao invés de providenciar as instalações esperadas pelos catadores, permitindo-lhes manter os meios de produção em suas mãos e trabalhar em condições dignas, ofereceu a concessão do lixo a uma empresa multinacional, que já começou a se instalar em Santana do Aurá. Acenou vagamente com empregos, no entanto, os catadores que se candidataram a trabalhar na obra, viram suas tentativas frustradas, sendo a sua não contratação atribuída à sua baixa escolaridade.

Os catadores de Santana do Aurá procuram se mobilizar por meio de suas organizações para impedir a expropriação de seu meio de produção e sobrevivência e para buscar condições dignas de vida no bairro onde residem.



Fotos: Diana Antonaz, 2006



## Demandas dos Catadores de Belém

- Retomar a inclusão social do lixo: biorremediação e os quatro projetos: compostagem, triagem, coleta seletiva, produção de grama.
- Segurança: instalação de PM Box.
- Posto de saúde.
- Escola do ensino fundamental.
- Praça com equipamentos de lazer.
- Pavimentar a estrada e mantê-la em condições que permitam o tráfego de veículos.
- Telefone público.
- Fornecimento regular de energia.
- Instalação de feira.

## Contatos

**Movimento Nacional dos Catadores**  
Rua Jerusalém, nº 82 - Aurá. Tel. 9616-3798

**Movimento dos Catadores de Belém**  
**Associação Cidadania para Todos**  
Estrada Santana do Aurá, s/nº.  
Tel. 9616-3798.

**IAGUA - Instituto Amazônico de**  
**Planejamento, Gestão Urbana e Ambiental**  
End: Tv. Dr. Enéas Pinheiro, 2394, Marco.  
CEP:66095-100. Fone:(91)3276-8900.  
email: iagua@oi.com.br

# Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford - PPGSCA - UFAM)

## Série: Movimentos Sociais e Conflitos nas Cidades da Amazônia

1. Indígenas na Cidade de Belém
2. Homossexuais na Cidade de Belém
3. Afro-religiosos na Cidade de Belém
4. Negras e Negros na Cidade de Belém
5. Catadores na Cidade de Belém
6. Pessoas com Deficiência na Cidade de Belém
7. Feirantes dos Portos Públicos de Belém
8. Ribeirinhos das Ilhas de Belém
9. "Movimento das Peconheiras e Peconheiros da Ilha de Itacoanzinho, Igarapés Caixão e Genipauba", Acará
10. "Histórias de luta e conquistas dos moradores do Riacho Doce e Pantanal no Igarapé Tucunduba", Belém
11. "Fé e Esperança: Mulheres Guerreiras de Campo Sales", Manaus
12. "Histórias de Lutas e Conquistas dos Moradores do Bairro Jesus Me Deu", Manaus
13. "Famílias da Comunidade Parque Riachuelo I", Manaus
14. "Bairro Parque Riachuelo II: História, Conquistas e Reivindicações", Manaus
15. "Ontem um dono, hoje milhares: A História Bairro Parque São Pedro", Manaus
16. "Comunidade Negra de São Benedito da Praça 14 de Janeiro", Manaus

### Realização



Movimento  
dos Catadores  
de Belém

### Apoio



FORD FOUNDATION



UFAM



UNAMAZ



UFPA



CÁRITAS BRASILEIRA

Solidariedade pela vida



Instituto Amazônico de  
Planejamento, Gestão Urbana  
e Ambiental



UFPA

IARA

Instituto Livre Universidade  
Rios do Amanhã